O [Realismo](http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/realismo.html), o [Naturalismo](http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/naturalismo.html) e o Parnasianismo foram movimentos literários contemporâneos: Realismo e Naturalismo na prosa, e Parnasianismo na poesia. Enquanto a prosa realista representou uma reação contra a literatura sentimental dos românticos, a poesia parnasiana pregou a rejeição do “excesso de lágrimas” e da linguagem coloquial e declamatória do Romantismo, valorizando o cuidado formal e a expressão mais contida dos sentimentos, com um vocabulário elaborado (às vezes, incompreensível por ser tão culto), racionalista e temática voltada para assuntos universais.

O **Realismo** e o **Naturalismo** apresentam semelhanças e diferenças entre si. O Realismo analisa o homem como um produto do meio que o cerca, tanto que interage com ele, já o Naturalismo mostra o homem como produto de forças “naturais”, o fruto de gerações, e desenvolve temas voltados para a análise do comportamento patológico do homem, de suas taras sexuais, de seu lado animalesco. No Naturalismo o “homem é um bicho”.

Os naturalistas acreditavam que o indivíduo é mero produto da hereditariedade e seu comportamento é fruto do meio em que vive e sobre o qual age. O texto naturalista disseca, esmiúça o detalhe, o fisiológico.

A visão evolucionista de Charles Darwin inspirava os naturalistas, que acreditavam ser a seleção natural que impulsionava a transformação das espécies. Assim, predomina nesse tipo de texto o instinto, o fisiológico e o natural, retratando a agressividade, a violência, o erotismo como elementos que compõem a personalidade humana.

Os autores naturalistas criavam **narradores** **oniscientes**, **impassíveis** para dar apoio à teoria na qual acreditavam. Exploravam temas como o **homossexualismo**, o **incesto**, o **desequilíbrio** que leva à loucura, criando personagens que eram **dominados** **por seus instintos e desejos**, pois viam no comportamento do ser humano **traços** **de** **sua** **natureza** **animal**.

No Brasil, a prosa naturalista foi influenciada por Eça de Queirós com as obras O crime do padre Amaro e O primo Basílio, publicadas na década de 1870. Aluísio de Azevedo com a obra O mulato, publicada em 1881, marcou o início do Naturalismo brasileiro. A obra O cortiço, também de sua autoria, marcou essa tendência.

**Características**

- Visão determinista e mecanicista do homem: nivelamento do homem ao animal, sujeito a forças que determinam o seu comportamento: o meio, o instinto, a hereditariedade e o momento.

- Cientificismo: o homem é visto como um “caso” a ser analisado.

- Personagens patológicas: os romances experimentais do Naturalismo procuram comprovar às teses deterministas usando personagens psiquicamente desequilibradas ou marginais.

- Contemporaneidade.

- Crítica social e reformismo: denunciando as mazelas sociais, objetivando mudar a realidade.

- Preferência em retratar as camadas marginalizadas da sociedade.

- Oscilação da linguagem: ora vulgar e/ou coloquial, ora incorporando termos científicos – vocabulário ligado à Biologia e à Medicina.

- Pessimismo fatalista.

**Aluísio Azevedo (1857-1913)**

Nasceu em São Luís, Maranhão. Em 1871, matriculou-se no Liceu Maranhense e dedicou-se ao estudo da Pintura. Com 19 anos foi levado pelo irmão, o teatrólogo e jornalista Artur Azevedo, para o Rio de Janeiro. Começou a estudar na Academia Imperial de Belas-Artes, onde revelou seus dons para o desenho. Logo passou a colaborar, com caricaturas e poesias, em jornais e revistas.

Com a morte do pai, em 1879, Aluísio volta para São Luís e se dedica à literatura. Publica seu primeiro romance, Uma Lágrima de Mulher, em 1880, onde se mostra exageradamente sentimental e de estilo romântico. Em 1881 edita “O Mulato”, romance que iniciou o Movimento Naturalista no Brasil. A obra denunciava o preconceito racial existente na burguesia maranhense Com a reação negativa da sociedade, Aluísio volta para o Rio de Janeiro.

Aluísio Azevedo abandonou as tendências românticas em que se formara, para, influenciado por Eça de Queirós e Émile Zola, tornar-se o precursor do Movimento Realista-Naturalista. No Rio de Janeiro, passou a viver com a publicação de folhetins românticos e alguns relatos naturalistas. Viveu durante 15 anos do que ganhava como escritor.

Em 1895, com quase quarenta anos, Aluísio ingressa na carreira diplomática, atuando como cônsul do Brasil no Japão, na Espanha, Inglaterra, Itália, Uruguai, Paraguai e Argentina. Durante todo esse período não mais se dedicou a produção literária. Azevedo morreu na Argentina, aos 56 anos, em janeiro de 1913.

Preocupado com a realidade cotidiana, seus temas prediletos foram a luta contra o preconceito de cor, o adultério, os vícios e o povo humilde. Na obra O Cortiço, Aluísio retrata o aumento da população no Rio de Janeiro e o aparecimento de núcleos habitacionais, denominados cortiços, onde se aglomeravam trabalhadores e gente de atividades incertas. O grande personagem do romance é o próprio cortiço.

Como representante do naturalismo, o autor utiliza expressões animalescas para descrever as personagens e suas atitudes. O autor fazia uma análise da sociedade sem moralismos.

Os romances de Aluísio Azevedo seguem as determinações do chamado “romance experimental”, conceito elaborado pelo escritor francês Émile Zola. Segundo o conceito, a realidade é observada de uma perspectiva científica que se distancia da idealização romântica e mostra um retrato fiel da sociedade, mesmo de seus aspectos mais sórdidos – postura artística denominada então de “belo horrível”. A busca pelo registro fidedigno orienta o narrador no sentido da reprodução da linguagem das personagens com toda a riqueza da oralidade e das gírias do tempo. Nota-se ainda um aspecto fundamental da narrativa realista-naturalista: o interesse pela miséria, pela pobreza. Além de traços presentes na tendência naturalista do realismo, como a sexualização do enredo e a animalização das personagens.

**Observe exemplos de textos naturalistas:**

(I)

“Eram cinco da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. (…)

Daí a pouco, em volta das bicas em um zumzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, embaixo do rio de água que escorria da altura de cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão.”

(II)

“A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflauida de mulher, cantar em falsete a “gentil Carolina era bela”; doutro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: “Fígado, rins e coração!”Era uma vendedeira de fatos de boi”.

- Leitura

O Cortiço (1890)

De um lado temos João Romão, o dono do cortiço; do outro Jerônimo, trabalhador braçal que se emprega como gerente da pedreira que pertence ao primeiro.

João Romão enriquece às custas de sua obsessão pelo trabalho de comerciante, mas também por intermédio de meios ilícitos, como os roubos que pratica em sua venda e a exploração da amante, a negra Bertoleza, a quem engana com uma falsa carta de alforria. Ele se torna proprietário de um conjunto de cômodos de aluguel e da pedreira que ficava ao fundo do terreno. Aumenta sua renda e passa a se dedicar a negócios mais vultosos, como aplicações financeiras. Aos poucos, refina-se e deixa para trás a amante.

Miranda, comerciante de tecidos e também português, muda-se para o sobrado que fica ao lado do cortiço. No início disputa espaço com o vizinho, mas, aos poucos, os dois percebem interesses comuns. Miranda tem acesso à alta sociedade, posição que começa a ser almejada por João Romão. Este, por sua vez, tem fortuna, cobiçada pelo comerciante de tecidos que vive às custas do dinheiro da esposa. Logo, uma aliança se estabelece entre eles. Para consolidá-la, planeja-se o casamento entre João Romão e a filha de Miranda, Zulmira. João se livra de Bertoleza, devolvendo-a aos seus antigos donos. A pobre mulher, sem serventia e arrasada pelo abandono, se mata.

Jerônimo assume a condição de gerente da pedreira de João Romão e passa a viver no cortiço com a esposa Piedade. Sua honestidade, força e nobreza de caráter logo chamam a atenção de todos. No entanto, seduzido pela envolvente Rita Baiana, assassina o namorado desta, Firmo. Jerônimo abandona a esposa e vai viver com Rita. Entra então em um acelerado processo de decadência física e moral, assim como sua esposa, que termina alcoólatra.

A decadência atinge também outros moradores do cortiço. É o caso de Pombinha, moça culta que aguardava a primeira menstruação para se casar. Seduzida pela prostituta Léonie, abandona o marido e vai viver com a amante, prostituindo-se também.

**PARNASIANISMO NO BRASIL**

O Parnasianismo teve sua inspiração na França, de uma antologia poética intitulada O Parnaso contemporâneo, publicada em 1866. Parnaso era o nome de um monte, na Grécia, consagrado a Apolo (deus do sol e das artes) e às musas (entidades mitológicas ligadas às artes).

No Brasil, em 1878, em jornais cariocas, um ataque à poesia do [Romantismo](http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/romantismo-primeira-geracao.html) gerou uma polêmica em versos que ficou conhecida como a Batalha do Parnaso. Entretanto, considera-se como marco inicial do Parnasianismo no país o livro de poesias Fanfarras, de Teófilo Dias, publicado em 1882. O Parnasianismo prolongou-se até a Semana de Arte Moderna, em 1922. Há três grandes nomes no Parnasianismo brasileiro: Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira – a chamada Tríade Parnasiana.

**Características**

- Objetividade no tratamento dos temas abordados. O escritor parnasiano trata os temas baseando na realidade, deixando de lado o subjetivismo e a emoção.

- A visão da obra como resultado do trabalho, do esforço do artista, que se coloca como um ourives que talha e lapida a joia – daí ele ser chamado de “ourives da palavra”.

- Impessoalidade: a visão do escritor não interfere na abordagem dos fatos.

- Valorização da estética e busca da perfeição. A poesia é valorizada por sua beleza em si e, portanto, deve ser perfeita do ponto de vista estético.

- O poeta evita a utilização de palavras da mesma classe gramatical em suas poesias, buscando tornar as rimas esteticamente ricas.

- Uso de linguagem rebuscada e vocabulário culto.

- Temas da mitologia grega e da cultura clássica são muito frequentes nas poesias parnasianas.

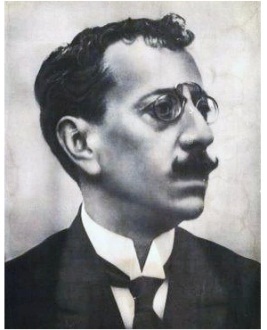
- Preferência pelos sonetos.

- Valorização da metrificação: o mesmo número de sílabas poéticas é usado em cada verso.

- Uso e valorização da descrição das cenas e objetos.

**Principais** **autores**

- Olavo Bilac (1865-1918)



Nasceu no Rio de Janeiro, em dezembro de 1865. Era filho de um cirurgião militar e uma dona de casa. Estudou Medicina e Direito, sem concluir nenhum dos cursos. Dedicou-se ao jornalismo e à poesia. Foi noivo de Amélia de Oliveira, irmã de seu amigo Alberto de Oliveira, que foi impedida de casar por outro irmão que não aceitava a vida de poeta boêmio que Bilac levava.

Pertenceu à Escola Parnasiana Brasileira, sendo um dos seus principais poetas. Sua primeira obra foi “Poesias”, publicada em 1888. Nela o poeta já estava identificado com as propostas do Parnasianismo. Sua poesia apresentava várias temáticas. Na linha tipicamente parnasiana, escreveu sobre temas greco-romanos. Fez várias descrições da natureza, indicando uma herança romântica. Bilac morreu no Rio de Janeiro, em dezembro de 1918, aos 53 anos.

É o poeta mais popular do Parnasianismo, e destaca-se pelo devotamento ao culto da palavra e ao estudo da língua portuguesa. Os recursos estilísticos que mais emprega são a repetição de palavras, o polissíndeto e o assíndeto (separados ou conjugados). Suas metáforas e comparações são claras. Entretanto, foi um escritor múltiplo em todos os sentidos, indo além da poesia parnasiana e dos temas tão cultuados por outros escritores.

**Um de seus temas preferidos é o amor, associado**, geralmente, à noção de **pecado**, **cantado sob o domínio do sentimentalismo, fugindo muitas vezes às características parnasianas**. As estrelas têm presença marcante em seus versos, ora aparecem como confidentes, ora como testemunhas ou conhecedoras do mistério da vida.

A criança, também, recebe atenção, dedicando-lhe quadras infantis em que o mundo juvenil aparece idealizado, destituído de misérias, ressaltando o aspecto doméstico, patriótico e nobre. Por isso, acaba sendo aclamado “o poeta da criança”, além de sua clássica alcunha de “O Príncipe dos Poetas Parnasianos”.

Outros temas prediletos são a guerra e a pátria. O patriotismo é cantado ternamente, a ponto de assumir a forma de propaganda do progresso e bem estar nacional. A preocupação com temas nativistas se manifesta em O Caçador de Esmeraldas e é bem executada em Tarde (1919).

Seus versos contêm uma poesia pobre em imagens, mas rica em sentimento, voluptuosidade e morbidez, o que parece justificar sua fulgurante consagração. Poesias (1888), seu primeiro livro, traz o poema Profissão de Fé – cujo tema é o trabalho artístico do poeta.

- Leitura

**Ao coração que sofre**

Ao coração que sofre, separado  
Do teu, no exílio em que a chorar me vejo,  
Não basta o afeto simples e sagrado  
Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,  
Nem só desejo o teu amor: desejo  
Ter nos braços teu corpo delicado,  
Ter na boca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem  
Não me envergonham: pois maior baixeza  
Não há que a terra pelo céu trocar;

E mais eleva o coração de um homem  
Ser de homem sempre e, na maior pureza,  
Ficar na terra e humanamente amar

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,

Beneditino escreve! No aconchego

Do claustro, na paciência e no sossego,

Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego

Do esforço: e trama viva se construa

De tal modo, que a imagem fique nua

Rica mas sóbria, como um templo grego

Não se mostre na fábrica o suplício

Do mestre. E natural, o efeito agrade

Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade

Arte pura, inimiga do artifício,

É a força e a graça na simplicidade.

Olavo Bilac

**Raimundo Correia (1860-1911)**

Suas composições giram em torno da perfeição formal dos objetos e tratam de mitologia e de civilizações remotas ou extintas, ao gosto parnasiano. Soube condensar alegorias felizes nos versos perfeitos, sugestivos e com plasticidade. Mas era um poeta desigual e de falsa profundidade, também uma característica parnasiana.

Ele se diferencia um pouco dos demais parnasianos porque sua poesia é marcada por um forte pessimismo, chegando até a ser sombria. Ao analisar a obra de Raimundo Correia percebe-se que há nela uma evolução. Ele iniciou sua carreira como romântico, depois adotou o parnasianismo e, em alguns poemas, aproximou-se da [escola simbolista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Simbolismo).

Nas palavras de Silveira Bueno:

Nenhum outro conseguiu perfeição da forma poética de Raimundo, nem a delicadeza de sua inspiração, nem a variedade de seus temas. Fugiu à monotonia amorosa de Bilac, à insensibilidade de Alberto de Oliveira, tocando todos os assuntos, vibrando todos os sentimentos humanos, sempre delicado e profundo. Não nos sentimos embaraçados e dizer que Raimundo Correia é o primeiro poeta do Brasil.

- Leitura

Mal Secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora

Na alma, e destrói cada ilusão que nasce,

Tudo o que punge, tudo o que devora

O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espírito que chora

Ver através da máscara da face,

Quanta gente, talvez, que inveja agora

Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo

Guarda um atroz, recôndito inimigo,

Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,

Cuja a ventura única consiste

Em parecer aos outros venturosa!

**Alberto de Oliveira (1857-1937)**

Seu primeiro livro, “Canções Românticas”, é um compilado de poesias, publicado em 1878, com propriedades ainda românticas, porém com indícios de temática parnasiana.

O Parnasianismo esteve intrínseco em suas obras a partir das novas publicações, o que o levou a ser considerado o mestre desta estética literária. O estilo parnasiano regozijava-se na estrutura descritiva e na exaltação da forma rígida oriunda da Antiguidade Clássica no culto da “arte pela arte”.

Exerceu cargos públicos e é um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Tinha amizade com Raimundo Correia e Olavo Bilac e forma com eles a tríade brasileira do Parnasianismo. Foi colaborador de diversos jornais no Rio de Janeiro: A Semana, Correio da Manhã, Tribuna de Petrópolis, Diário do Rio de Janeiro.

O marco do reflexo das características parnasianas na obra de Alberto de Oliveira está no seu segundo livro “Meridionais”, publicado em 1884. A partir dessa obra a temática parnasiana está cada vez mais nítida em seus outros livros, como “Sonetos e Poemas” (1885). O autor faleceu em de 1937, em Niterói (RJ), aos 80 anos.

- Leitura

***A vingança da porta***

Era um hábito antigo que ele tinha:

entrar dando com a porta nos batentes

— "Que te fez esta porta?" a mulher vinha

e interrogava... Ele, cerrando os dentes:

— "Nada! Traze o jantar." — Mas à noitinha

calmava-se; feliz, os inocentes

olhos revê da filha e a cabecinha

lhe afaga, a rir, com as rudes mãos trementes.

Uma vez, ao tornar à casa, quando

erguia a aldrava, o coração lhe fala

— "Entra mais devagar..." Pára, hesitando...

Nisso nos gonzos range a velha porta,

ri-se, escancara-se. E ele vê na sala

a mulher como doida e a filha morta.

**ATIVIDADES**

1. Leia um trecho de um poema de Olavo Bilac.

**Profissão de fé**

“Torce, aprimora, alteia, lima  
A frase; e enfim,  
No verso de ouro engasta a rima,  
Como um rubim.  
Quero que a estrofe cristalina  
Dobrada ao jeito  
Do ourives, saia da oficina  
Sem um defeito”.

Olavo Bilac

Os versos de Olavo Bilac, transcritos acima, representam o ideal literário do período

1. Barroco, no seu apreço pelos jogos de palavras que formassem antíteses.
2. Arcadismo, em sua preferência pelos preceitos do Iluminismo adaptáveis à arte literária.
3. Modernismo, em sua constância por seguir as normas literárias tradicionais.
4. Parnasianismo, em seu objetivo ideário de chegar à perfeição da criação poética.
5. Romantismo, em sua procura pela valorização da formulação linguística nacional.

**TEXTO**

**A um Poeta**

Longe do estéril turbilhão da rua,  
Beneditino, escreve! No aconchego  
Do claustro, na paciência e no sossego,  
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

[5] Mas que na forma se disfarce o emprego  
Do esforço; e a trama viva se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício  
[10] Do mestre. E, natural, o efeito agrade,  
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,  
Arte pura, inimiga do artifício,  
É a força e a graça na simplicidade.  
Olavo Bilac, in “Poesias”.

O poema de Bilac evidencia o cuidado com a palavra, próprio do estilo parnasiano, que se associa

1. a poetas como Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo.
2. à rejeição à cultura clássica.
3. ao rigor estético e culto à forma.
4. ao sentimentalismo exacerbado.
5. **Incontentado**

Paixão sem grita, amor sem agonia,

Que não oprime nem magoa o peito,

Que nada mais do que possui queria,

E com tão pouco vive satisfeito...

Amor, que os exageros repudia,

Misturado de estima e de respeito,

E, tirando das mágoas alegria,

Fica farto, ficando sem proveito...

Viva sempre a paixão que me consome,

Sem uma queixa, sem um só lamento!

Arda sempre este amor que desanimas!

Eu, eu tenha sempre, ao murmurar teu nome,

O coração, malgrado o sofrimento,

Como um rosal desabrochado em rimas.

https://tinyurl.com/nxwg9mp Acesso em: 17.02.2017.

Dentre as características do texto Incontentado, de Olavo Bilac, temos

1. todas as estrofes com o mesmo número de versos, apresentando temática eminentemente religiosa.
2. o mesmo número de sílabas poéticas em cada verso, descrevendo um suicídio.
3. versos livres com vocabulário popular, contemplando a vida campestre.
4. o uso do soneto, evidenciando uma temática amorosa.
5. vocabulário culto, expressando uma crítica social.
6. As vicissitudes que pontuaram a ascensão da burguesia durante o século XIX foram rasgando os véus idealizantes que ainda envolviam a ficção anterior. Desnudam-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e buscam-se para ambas causas naturais (raça, clima, temperamento) ou culturais (meio, educação) que lhes reduzem de muito a área de liberdade. Os escritores desse novo movimento tomarão a sério as suas personagens e se sentirão no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento.  
   (Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 1994. Adaptado.)

O “novo movimento” a que o texto se refere é o

1. Arcadismo.
2. Romantismo.
3. Realismo.
4. Parnasianismo.
5. Simbolismo.

TEXTO PARA A QUESTÃO

*E Sofia? interroga impaciente a leitora, tal qual Orgon:*Et Tartufe*? Ai, amiga minha, a resposta é naturalmente a mesma, – também ela comia bem, dormia largo e fofo, – coisas que, aliás, não impedem que uma pessoa ame, quando* [5]*quer amar. Se esta última reflexão é o motivo secreto da vossa pergunta, deixai que vos diga que sois muito indiscreta, e que eu não me quero senão com dissimulados.*

*Repito, comia bem, dormia largo e fofo. Chegara ao fim da comissão das Alagoas, com elogios da imprensa; a Atalaia* [10] *chamou‐lhe “o anjo da consolação”. E não se pense que este nome a alegrou, posto que a lisonjeasse; ao contrário, resumindo em Sofia toda a ação da caridade, podia mortificar as novas amigas, e fazer‐lhe perder em um dia o trabalho de longos meses. Assim se explica o artigo que a mesma folha* [15] *trouxe no número seguinte, nomeando, particularizando e glorificando as outras comissárias – “estrelas de primeira grandeza”.*

Machado de Assis, Quincas Borba.

No excerto, o autor recorre à intertextualidade, dialogando com a comédia de Molière, *Tartufo*(1664), cuja personagem central é um impostor da fé. Tal é a fama da peça que o nome próprio se incorporou ao vocabulário, inclusive em português, como substantivo comum, para designar o “indivíduo hipócrita” ou o “falso devoto”.

No contexto maior do romance, sugere‐se que a tartufice

1. se cola à imagem da leitora, indiscreta quanto aos amores alheios.
2. é ação isolada de Sofia, arrivista social e benemérita fingida.
3. diz respeito ao filósofo Quincas Borba, o que explica o título do livro.
4. Se produz na imprensa, apesar de esta se esquivar da eloquência vazia.
5. se estende à sociedade, na qual o cinismo é o trunfo dos fortes.

Gabarito

1 – d; 2 – c; 3 – d; 4 – c; 5 – e